

Presidenciais
Lula, do PT, é o único perigo para os empresários,
revela um documento da Federação que circula há alguns meses.
Existe medo da estatização. Por Maroni J. da Silva.

A Fiesp faz sua análise. E prefere Collor.

Se o candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, chegar à Presidência da República, tomará decisões para mudar a estrutura social que beneficiarão mais o trabalho do que o capital. Já o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, se eleito, "deverá manter no governo a postura de candidato e prática de atos espetaculares, de modo a alimentar seu Ibope". Essa diferença de atitudes no próximo governo foi definida num documento da

Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) que circula já há alguns meses entre os empresários para subsidiá-los nas articulações em favor de um candidato alinhado com seus interesses. O documento, de oito laudas datilografadas, examina o perfil e a política econômica de cada um dos candidatos e conclui que o único perigo para os empresários está no candidato do PT. Isto talvez explique a previsão do presidente da Fiesp,

Mário Amato, sobre a saída de 800 mil empresários do Brasil, com a vitória de Lula. De acordo com o documento da Fiesp, Collor "nasceu em berço de ouro" e identifica-se como um candidato antipartido. E se chegar ao governo apresentará até algumas posições semelhantes às de Jânio Quadros, em 1960, tentando uma política externa de aproximação com o Terceiro Mundo. Deve desenvolver um programa econômico não conservador.

Presidente Lula. Hipótese que assusta.

Ninguém oferecerá o rosto para outra pessoa se tiver a certeza de que, ao invés de um beijo, receberá um tapa. É assim que alguns empresários vinculados à Fiesp respondem, quando indagados sobre em quem votarão no segundo turno. A resposta está diretamente vinculada ao candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, cujo índice de rejeição é grande entre os empresários, por razões ideológicas. De acordo com o documento da Fiesp, se chegar ao governo, Lula desenvolverá um receituário econômico de "um candidato de esquerda, ideologicamente marxista, com discurso pluralista".

Ao contrário dos demais candidatos, segundo a Fiesp, Lula "tem compromissos de mudanças estruturais da sociedade brasileira. E representará a tentativa de ruptura com o sistema econômico capitalista e a substituição radical do discurso político dos governos republicanos, desde 1930". Se tudo isto ficasse apenas no discurso, como Amato afirmou, Lula não representaria nenhum risco ao capital e até contribuiria com o processo de mudança.

O documento da Fiesp coloca também o representante do PT entre os que defendem o incremento da estatização. E a primeira medida neste sentido, caso Lula chegue à Presidência, atingirá o setor financeiro.



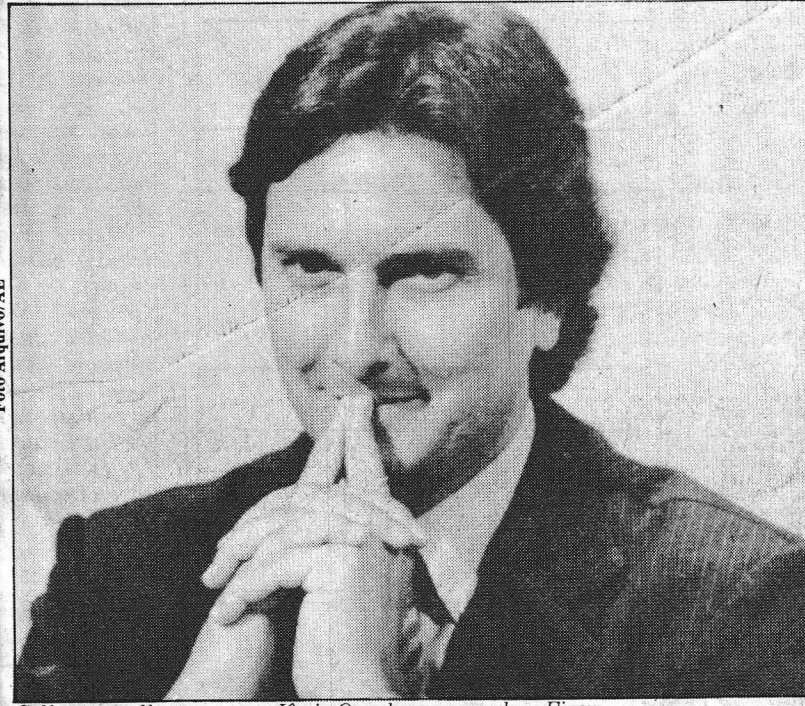
Lula: a possibilidade de vitória põe os empresários na defensiva.

Os empresários, assim como os militares, não fariam parte do grupo de pessoas mais chegadas ao presidente. Com Lula no governo, afirma o documento da Fiesp, "o diálogo com o empresariado e com as Forças Armadas será apenas na medida do necessário à estabilidade do governo, mas com inúmeras divergências".

Já os trabalhadores não terão de que se queixar. "A política salarial será agressivamente favorável aos trabalhadores." Mas a política externa de Lula, segundo o documento da Fiesp, será de confronto. A estratégia em relação à dívida externa, por exemplo, passaria por um discurso nacionalista e mobilizador da sociedade civil,

na busca de sustentação para uma negociação favorável ao País.

As mudanças mais radicais, que são as que mais preocupam o empresariado, só viriam a longo prazo. E o objetivo, segundo a Fiesp, é provocar "o solapamento das bases estruturais do capitalismo". Uma das tentativas nesta direção seria a mudança da Constituição antes mesmo da revisão prevista para 1993. O capítulo que estaria na mira do candidato do PT, segundo a Fiesp, é o da ordem econômica e social. A alteração neste capítulo teria como objetivo "emprestar um caráter socialista à Constituição, à maneira da Carta Portuguesa, antes da última reforma".



Collor: semelhanças com Jânio Quadros, segundo a Fiesp.

Presidente Collor. "Atlético e aristocrático."

A vantagem de Collor sobre os demais candidatos, inclusive Lula, segundo a Fiesp, é que ele conseguiu firmar-se como antigo-verno, antipartidos, antipolíticos, antiprivilégios e antimarajás. Tem um perfil semelhante ao de Jânio Quadros de 1960, "pelo inusitado de sua própria figura e manifesto desprezo pelo **stablishment** político, mas é menos talentoso e culto do que o paulista". Como será o governo do candidato do PRN, é quase impossível prever, segundo

a Fiesp. Mas o discurso do candidato não preocupa os empresários, que o consideram também "atlético e de aparência aristocrática".

Collor, segundo a Fiesp, é acima de tudo "sem definição ideológica. Nasceu em berço de ouro, tem convivido sempre no segmento mais afliente da sociedade". A equipe de governo provavelmente refletirá o seu comportamento de homem que se considera "acima dos partidos". A expectativa é de que "reunirá um ministério de alto nível e suprapartidário".

Na visão dos empresários vinculados à Fiesp, "a tônica inicial de Collor será a austeridade,

ou seja, demissão de servidores públicos, venda de mansões situadas no Lago Sul de Brasília, sindicâncias e inquéritos visando enquadrar e se possível prender personalidades notórias como responsáveis por crimes do colarinho branco".

Do ponto de vista econômico, os empresários não devem ter receio do candidato do PRN. A Fiesp imagina que terá implementada "uma política econômica e financeira não conservadora, provavelmente buscando alternativa no grupo de economistas do PMDB". A estratégia neste campo visa desenterrar algumas idéias difundidas pelo ex-ministro Dilson Funaro. É possível, portanto, que os economistas da Unicamp voltem a ter poder no governo.

A única dificuldade que os empresários prevêem com Collor no governo é mais naquelas questões em que estiver em jogo a imagem do presidente. Neste sentido o relacionamento também será difícil com os militares. Isto porque a Fiesp prevê que Collor procurará manter no governo a mesma postura de candidato, "de modo a alimentar o seu Ibope".

Assim, diz o documento, é provável que Collor ensaie uma tentativa de cooptação de setores da esquerda. O objetivo é evitar as hostilidades deste segmento. Nesta altura, os empresários raciocinam que Collor, mesmo não sendo de esquerda e estando acima dos partidos, fará, em certos momentos, um discurso nesta direção. E neste caso poderão surgir dificuldades no relacionamento tanto com os empresários quanto com os militares.